



ENTRE DEUS E O DIABO: HISTÓRIAS DE AMOR E SEDUÇÃO NOS CONVENTOS LUSO-BRASILEIROS NOS SÉCULOS XVII E XVIII

Ramon Bezerra de Souza – ramonsouza65@gmail.com - UEPB

Ivo Fernandes de Sousa - Historivo@hotmail.com - UEPB

RESUMO: O presente artigo visa analisar a vida sexual religiosa nos conventos, tanto da metrópole portuguesa como também da colônia brasileira nos séculos XVII e XVIII. Por meio do diálogo com poemas escritos por religiosos que viveram nos bastidores desses ambientes, buscando descobrir através disso, aspectos da vida sexual reclusa, quais estratégias se utilizaram para escapar dos olhos da sociedade patriarcal e da Igreja para vivenciarem esses amores proibidos e as articulações praticadas na arte da sedução. Estabelecendo um diálogo com tais poemas, podemos transpassar o fazer histórico ligado a fontes poéticas e literárias em consonância com a historiografia brasileira que foca na temática abordada e na história das mulheres em geral, a exemplo de Soror (2014) e Del Priore (2005; 2013). Essa é uma história do corpo feminino, de seus afetos, de suas práticas, mas também de seus medos, de seus paradigmas e formas de sobressair no meio religioso e celibatário. Resgataremos essa mulher rebelada, que não se atém aos modos normativos de sua época, uma mulher além de seu tempo, utilizando a noção de indivíduo “ordinário” de Certeau (1994) para retratar tais mulheres que escapam a disciplina, e se tornam antidisiplinares, que burlam as regras e a normatividade. Demonstrando que os conventos não foram só um local de enlevo espiritual, mais também um local onde os prazeres da carne foram saciados, demonstrando que o protagonismo feminino no âmbito da tomada de iniciativas, vai em conflito com a noção patriarcal de mulher submissa e mulher devota, desprovida de ação e de identidade própria.

Palavras-chaves: Convento, mulheres, amores proibidos, historiografia.

ABSTRACT:

This article aims to analyze the religious sex life in convents, both the Portuguese metropolis as well as the Brazilian colony in the seventeenth and eighteenth centuries. Through dialogue with poems written by religious who lived behind the scenes of these environments, seeking to discover through this, aspects of reclusive sex life, what strategies have been used to escape the eyes of the patriarchal society and the Church to experiencing these forbidden love and the joints practiced in the art of seduction. Establishing a dialogue with these poems, we can pierce the historical make on





the poetic and literary sources in line with the Brazilian historiography that focuses on the selected theme and history of women in general, like Soror (2014) and Del Priore (2005; 2013). This is a story of the female body, their emotions, their practices, but also their fears, their paradigms and ways to excel in religious and celibate middle. Redeem this rebellious woman who does not adhere to the normative ways of his time, a woman ahead of its time, using the notion of individual "ordinary " de Certeau (1994) to portray those women who escape the discipline, and become antidisiplinares which circumvent the rules and normativity. Demonstrating that the convents were not only a place of spiritual ecstasy, plus also a place where the pleasures of the flesh were filled, demonstrating that women's role in the context of taking initiatives will conflict with the patriarchal notion of submissive woman and devout woman, devoid of action and identity.

Keywords: convents, women, loves prohibited e historiography.

INTRODUÇÃO

Ao abordarmos a questão feminina nos deparamos com inúmeras dificuldades, já que o objeto de estudo foi renegado no processo de escrita da História, na operação historiográfica a mulher foi colocada como um mero coadjuvante do homem. Essa abordagem se torna ainda mais difícil em se tratando das mulheres religiosas, sendo que

As mulheres reclusas em conventos e recolhimentos que conseguiram reverter alguns dos propósitos punitivos e supostamente opressivos destas instituições. Não poucas perceberam que ali se desenhava a possibilidade de uma vida autônoma, frente aos rigores da família e da sociedade, inclusive permitindo e exercício do poder. (Soihet, 1997 pg. 284).

Aquela mulher que estava distante da sociedade, isolada do mundo, que além de se deparar com o poder patriarcal da família onde “a mulher deveria obedecer a pai e a marido, passando da autoridade de um para a do outro através de um casamento monogâmico e indissolúvel” (*apud*, DEL PRIORE, 2013, p. 16), sua participação estava restrita ao lar, e sua única certeza era a maternidade e a criação de seus filhos.

As mulheres religiosas ainda se deparavam com o crivo da Igreja, e sua cultura celibatária, que com seus dogmas e doutrinas impunha na mentalidade da população da metrópole portuguesa e da colônia brasileira o modelo ideal de mulher, baseada na figura de Maria, onde virtudes como



submissão, fidelidade e dedicação ao lar eram traços marcantes dessa mulher idealizada e da sociedade que estava atenta a vida dessas mulheres e homens religiosos, já que esses eram vistos como modelo de pureza, castidade e devoção a serem seguidos pelos demais. Mais com base nos escritos dessas mulheres e de seus amados tentaremos analisar como se deu no âmbito religioso essas histórias de amor e sedução, e traçar o que acontecia nos bastidores do claustro, muito além do véu, buscaremos compreender a possibilidade de existência de outra mulher, além de dogmas e doutrinas, erotizada, pervertida, mestra na arte da sedução, rompendo com sua clausura onde “o desejo sexual transpôs os limites da espiritualidade reclusa” (MIRANDA, 2014, p.07), fazendo uso do saber-fazer para viver suas paixões sem serem percebidos pelos demais.

Diferente dos dias atuais, onde quem vai parar em um convento são as mulheres com uma vocação religiosa, e por sua própria decisão, quem iria parar nos conventos dos séculos XVII e XVIII, seriam em sua maioria moças jovens consideradas por seus pais como rebeldes, grávidas abandonadas por seus parceiros, moças que sofreram o estupro, que foram enganadas e perderam a virgindade, mulheres que eram motivo de vergonha para a família, e inúmeras cujos maridos estavam em viagem eram colocadas lá para que se evitasse uma traição chegando a serem abandonadas nesses locais por seus parceiros. Além dessas mulheres indesejadas pela sociedade “ter uma filha no claustro tornava-se fator de prestígio social” (*apud*, DEL PRIORE, 1997, p. 486), percebemos com isso o antagonismo de como o convento era percebido na época, ora como um lugar de depósito de mulheres indesejadas que causavam vergonha, ora como um lugar onde ter um parente nele era motivo de ostentação, pois só as mulheres da elite iriam parar em um lugar como esse. Muitas jovens foram parar em um convento pela imposição do pai, para que ela não disputasse a herança com seu filho homem. Além do mais, ter uma filha no convento de acordo com o catolicismo popular poderia facilitar a salvação de toda a sua família por suas constantes preces em prol dos seus parentes.

O convento do período colonial não era lá um lugar muito espiritual, foram esses e outros fatores que contribuíram para transformar o claustro religioso, de um lugar de enlevo espiritual a um espaço luxurioso, onde as freiras viviam divididas entre a santificação do espírito, e os prazeres da carne, entre a contenção de seus impulsos sexuais, e a erupção de seus desejos mais profanos, divididas entre o céu futuro e eterno e o prazer infernal e presente, divididas entre Deus e o diabo. Romperam com prisão conventual vivendo histórias de amor e sedução.





O DIABO DENTRO E FORA DOS CONVENTOS

Em resposta à demonização do sexo, os instintos de Eros se manifestavam dentro dos mosteiros através de alucinações e extravasamentos, como o refinamento cruel da autoflagelação do corpo, os desfalecimentos ambíguos, as convulsões eróticas do êxtase, a homossexualidade e a própria heterossexualidade, como testemunho o nascimento de bastardos. (Miranda, 2012 pg. 8).

O espaço do convento era um lugar de reclusão, que proporcionava a essas mulheres um ambiente totalmente diferente daquele das casas de seus pais, onde as elas poderiam se aproveitar da liberdade desse lugar que lhes concedia o direito de aprender a ler e escrever, gozando essas de uma liberdade que elas jamais teriam nas casas de seus pais. Muitas continuaram a viver da mesma forma, como se estivessem nas casas de seus pais, e tendo o domínio da leitura e da escrita usaram essas ferramentas na arte da sedução. Ao contrário do que se pensa estar no convento ao invés de afastar os homens, atraíam, surgiram inúmeros casos de “freiráticos”, homens especializados na sedução dessas mulheres, e aqui no Brasil não foi diferente:

Portugal utilizou-se sistematicamente do degredo, importante mecanismo colonizador e, ainda, depurador da própria Metrópole. Dentre os vários crimes que o direito régio penalizava com o degredo para o Brasil, as transgressões morais não foram às menos notáveis: condenados a viver algum tempo ou perpetuamente no Brasil eram os freiráticos que invadiam mosteiros para arrebatam as esposas de Cristo. (Vainfas, 1997 pg. 41).

Fator que estimulou o erotismo conventual na colônia, homens atraídos pelas freiras reclusas que iniciavam a arte da sedução geralmente enviando um bilhete ao convento por meio de escravos e serviçais já que na sociedade colonial “em que a dominação branca era absoluta, a reprodução da hierarquia social nos conventos, contrapondo senhoras e escravas, parecia natural” (*apud*, DEL PRIORE 2013, p. 489), sendo essas escravas canais na circulação desses escritos, que dificilmente eram respondidos de imediato percebemos aqui uma estratégia de sedução utilizada na arte da conquista para sobre sair o sistema dominante, outro meio de sedução era adentrar no convento por meio da subordinação de uma abadessa que se tornava cúmplice nesse processo de sedução, os próprios padres era usados nesse processo, por sua liberdade de entrar e sair dos conventos, e gozando dessa liberdade de transito livre nas celas dos conventos os mesmos se envolviam em amores proibidos, o caso mais famoso de sacerdote envolvido em aventuras sexuais nos conventos brasileiros foi o do jovem padre Inácio Moreira Franco que se envolveu com uma freira no convento de Santa Clara do Desterro, a madre Josefa Clara, que mesmo após o escândalo vir a ser



conhecido por toda a sociedade da colônia, ele insistiu em viver no convento, foi necessário a abadessa enviar uma petição ao rei, que mandou instaurar um inquérito e acabou descobrindo mais dois padres que mantinham relações com outras freiras, essas estratégias eram usadas para facilitar o encontro entre os amantes e outras como “Murros eram escalados, fugas eram empreendidas com escândalo, abadessas que criavam obstáculos era ameaçadas com facas. Alguns se disfarçavam de hábito feminino para se insinuar nos corredores em busca da eleita” (MIRANDA, 2014, p. 11).

Os próprios pais das noviças contribuía de forma indireta com o encontro dos amantes, pois “no dia em que a mocinha tomava o hábito, seu pai, de acordo com as posses, promovia festejos os mais vistosos possíveis” (*apud*, DEL PRIORE 2013, p. 69), promovendo com isso muitas vezes o encontro entre os amantes por ocasião dessa festa, inúmeras foram às fugas, e nascimentos de crianças em conventos que as autoridades, pressionadas pela sociedade que zelava pelos bons costumes, que o rei de Portugal d. João V preocupado com esses escândalos desencadeou uma longa perseguição a esses homens, onde muitos foram presos e outros enviados para o Brasil, por pressão social já que mesmo o rei de Portugal tinha sua queda por essas mulheres sendo ele um dos frequentadores do convento de Odivelas onde esse ficou conhecido como o Galo de Odivelas, tendo os mesmos filhos bastardos com sua amada Paula freira napolitana e com outras freiras romances extraconjugais, esses retratado por José Saramago em seu livro *Memorial do convento* onde escreve sobre as aventuras do rei: “por isso se diverte tanto com as freiras nos mosteiros e as vai emprenhando, uma após outra, ou várias ao mesmo tempo, que quando acabar a sua história se hão de contar por dezenas os filhos assim arrançados, coitada da rainha” (SARAMAGO, 1994, p. 57). A prática era tão comum que em 1700 foi denunciado ao rei que as religiosas do convento de Santa Ana de Vila “Nas celas os catares rangiam, os corpos alvos das freiras suavam sob o calor dos nobres, estudantes, desembargadores, provinciais, infantes. Os gemidos eram abafados com beijos” (MIRANDA, 2012, p.11).

Mesmo durante a celebração da missa sendo essa uma das poucas ocasiões de contato dessas mulheres com a sociedade fora do ambiente conventual, a igreja se tornava um lugar para a prática da sedução, enquanto as freiras cantavam seus amados as observavam, olhares eram trocados: “No Brasil, as missas do século XVIII eram animadas por toda sorte de risos, acenos e olhares furtivos, transformando, para desgosto dos bispos reformadores, as igrejas em concorridos templos de perdição”(DEL PRIORY,2013, p. 42). Não só as missas mais também as procissões, ladainhas, novenas e autos de fé, ocasiões onde havia um convívio social onde religiosas saíam de suas celas para demonstrar sua piedade, eram esses os momentos usados tanto por elas, como por



seus amados se utilizando de menino-de-recados, e negras que atuavam como cupidos preocupadas com a união dos amantes, a igreja era transformada em um verdadeiro local de encontro de amantes, onde a busca pelo pão espiritual era suplantada pela busca de saciar suas necessidades carnis, outra estratégia usada por seus amados era a confissão, já que esse sacramento era algo obrigatório para todos os cidadãos da metrópole e da colônia a partir dos sete anos de idade, que muitos padres, frades e oficiais do Santo Ofício tinha entrada livre nas casa tanto de ricos como de pobres.

Tão interessada estava a Santa Madre Igreja no controle ao menos anual de seus fregueses, que o pároco era obrigado a fazer o “Rol dos Confessados”, alistando os nomes, sobrenomes, e lugares onde viviam, rua por rua, casa por casa, fazendas e sítios inclusive. Em penas pecuniárias e de excomunhão incorriam os párocos e fieis que não cumprissem o dever pascal da *desobriga*. (Mott, 2012 pg. 211).

A recusa a este sacramento poderia levar a pessoa a ser acusado de heresia, além dos padres usarem desse artifício para cortejar, houve caso de homens que se disfarçaram com a batina para adentrar os confessionários e se encontrarem com suas amadas, um exemplo do uso indevido da confissão foi o de

“Luzia de Souza Vieira, casada com um pedreiro na Paraíba, pois estando na cama enferma, mandou chamar para confessá-la ao franciscano Frei Raimundo de Santo Antônio, o qual a solicitou para atos torpes e imediatamente teve com ela cópula carnal no leito.” (Mott, 2012 pg. 215).

Sendo a nação brasileira um espelho de Portugal com o processo de colonização logo esses costumes chegaram nesse solo com os colonos. Embora sendo raros os escritos que façam uma abordagem desse tema aqui fazendo juís a sua alcunha de Boca do Inferno, o poeta Gregório de Matos immortalizou em seus versos suas aventuras de sedução no mosteiro com a freira Mariana mencionada em seus escritos como urtiga tamanha a ardência que essa mulher provocara em seu amado:

Como vos hei de abrandar,

Se dizeis que sois Urtiga

Salvo se vos açoitar,

Porque então heis de ficar

Mais branda que uma bexiga. (Mattos, 2014 pg. 60).



O mesmo poeta destaca em seus escritos de forma irônica os inúmeros parceiros mantidos por uma única freira, já que cada um deles se considerava o único amado por ela destacando com isso a mentira que envolvia esses romances.

Manas, depois que sou freira
apologuei mil caralhos,
e acho ter os barbicalhos
qualquer de sua maneira:
do casado é lezeira
com que me canso e me acalmo
o do frade é como um salmo,
o maior é do breviário,
mas o caralho ordinário
é do tamanho de um palmo. (Araújo, 2013 pg. 72).

Esse poeta sendo ele um “freirático”, que frequentou os bastidores dos conventos deixou em seus escritos inúmeros relatos de envolvimento amorosos não só seus, mas também de inúmeros outros que costumavam frequentar as celas do claustro, em se tratando da Metrópole Portuguesa temos os versos do poeta lisboeta Antônio Barbosa Bacelar educado em um colégio jesuíta escreveu um soneto onde ele define o que é uma freira:

A freira é uma sanguessuga chupadora
vário camaleão na cor incerto,
que toma a cor da cor de que está mais perto;
só dá cor da vergonha se não cora. (Bacelar, 2014 pg. 23).

Em se tratando de vida sexual religiosa no Brasil colônia, os relatos nos mostram que “a história da vida religiosa feminina no Brasil é marcada por submissão e transgressões, passividade e criatividade” (*apud*, DEL PRIORE. 2013, p. 483).

Os escritos poéticos foram produzidos por freiras, se utilizando de pseudônimos, que lhes garantia o segredo as religiosas em suas celas romperam com o silêncio da santidade produzindo escritos eróticos carregados de sensualidade e luxúria como os escritos da freira franciscana Maria de Eça com o pseudônimo de Maria Clementina escreve em seus versos:





Que o ciúme é serpente,
Que espedaça seu louco padecente,
Dá-lhe um cento de amor e apelido
Que o ciúme é o amor, mais mal sofrido. (Soror, 2014 pg. 95).

Percebemos por meio do fragmento do poema os sentimentos que envolviam a freira que iam do amor ao ciúme mostrando que a repressão sexual pela Igreja acabou adquirindo uma função afrodisíaca, essas mulheres abriram mão da santificação da carne para erotizarem seus espíritos, mais essas relações eram regradas pelo medo, e isso é perceptível nos escritos do poeta “freirático” que além do fogo do prazer estar na cama de uma freira poderia lhe levar ao fogo da fogueira da Santa Inquisição como podemos perceber pelos versos anônimos “Quando estive em vossa cela/ Deitado na vossa cama/ Chupando nas vossas tetas/ Então foi que me lembrei/ Linhas brancas, linhas pretas” (*Apud*, MIRANDA, 2012 p.13.), exclama o poeta ao se lembrar das leis que o proibia de cometer tal ato de seduzir uma noiva de Cristo, aqui o prazer é contrastado com o medo, o proibido que excita, causa prazer, causa medo. Percebemos o risco que os amados tinham que enfrentar para se encontrarem.

Se poucos são os escritos envolvendo a atividade heterossexual nos conventos brasileiros, a atividade homossexual quase passou despercebida, não que não tenha existido, são ainda mais raríssimas as menções ao “pecado nefando” praticado nos conventos, aqui no Brasil o caso que ficou mais conhecido foi do “frei Lucas de Souza, religioso no Pará em meados do século XVII, era tão efeminado que dizia a seus amantes que era mulher” (VAINFAS, 1997 p. 173), ficou conhecido nas páginas dos autos da inquisição, e a prática do lesbianismo ficou registrado no arquivo do convento de santa Clara do desterro em Salvador.

CONCLUSÃO

Percebemos por através dos escritos poéticos produzidos nos bastidores dos conventos como foi intensa a atividade sexual nos mesmos, no período colonial, seja na metrópole portuguesa, ou na colônia brasileira homens e mulheres, rei ou mero súditos da coroa, romperam com o isolamento das celas do convento, para viverem suas paixões, seus amores, suas aventuras, tanto dentro, como fora dos conventos, ora reprimindo seus desejos, ora explodindo em desejos pecaminosos, os amantes viveram divididos entre o espírito e a carne, entre o céu e o inferno, entre Deus e o Diabo e como consta muito não resistiram acabaram se entregando ao prazer, vivendo um romance mesmo



contrariando a sociedade e a Igreja, romperam com seus paradigmas e viveram uma intensa paixão e fizeram as celas dos conventos em seus locais de encontro, seus ninhos de amor.

BILIOGRAFIA

ARAÚJO, Emanuel: A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia. *In*: DEL PRIORE, Mary (Org.).

História das mulheres no Brasil. 10. Ed. São Paulo. Contexto, 2013.

BACELAR, Antonio Barbosa: Definição de uma freira. *In*: MIRANDA, Ana. (Org.). **Que seja em segredo: escritos de devassidão nos conventos brasileiros e portugueses dos séculos XVII e XVIII**. 1ed. Porto Alegre: L & MP, 2014.

CARDOSO, Ciro Flamarion.; VAINFAS, Ronaldo(Org.). **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de janeiro: Elsevier, 1997.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

DEL PRIORE, Mary, **História do amor no Brasil**, Contexto, 2005.

_____, **História das mulheres no Brasil**, Contexto, 2013.

MATTOS, Gregório de: À mesma freira dona Mariana pelo mesmo caso de se haver apelidado urtiga *In*: MIRANDA, Ana. (Org.). **Que seja em segredo: escritos de devassidão nos conventos brasileiros e portugueses dos séculos XVII e XVIII**. 1. ed. Porto Alegre: L & PM, 2014.

MELLO E SOUZA, Laura.; NOVAIS, Felipe (Orgs.). **História da vida privada no Brasil: Cotidiano e vida privada na América portuguesa**, Companhia das letras, 1997.

MIRANDA, Ana. **Que seja em segredo: escritos de devassidão nos conventos brasileiros e portugueses dos séculos XVII e XVIII**, L & PM, 2012.

MOTT, Luiz: Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu. *In* NOVAIS, Fernando; SOUZA, Laura de Melo. (Org.). **História da vida privada no Brasil vol.1: cotidiano e vida privada na América portuguesa**. 1. ed. São Paulo: Companhia das letras, 2012.

PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova história das mulheres no Brasil**, Contexto, 2013.





SARAMAGO, José. **Memorial do convento**, Caminho SA, 1994.

SOIHET, Rachel: História das mulheres. *In* : FLAMARION & VAINFAS, Ciro e Ronaldo. (Org.). **Domínios da história**. 16. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

SOROR, Maria do Céu, [Maria Eça]: Cidra e ciúme. *In*: MIRANDA, Ana. (Org.). **Que seja em segredo: escritos de devassidão nos conventos brasileiros e portugueses dos séculos XVII e XVIII**. 1 ed. Porto Alegre: L & MP, 2014.

VAINFAS, Ronaldo. **Trópico dos pecados: Moral, sexualidade e inquisição no Brasil**. Nova Fronteira, 1997.

